

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Condições de possibilidade

É uma grande ingenuidade achar que somos senhores do próprio destino; que poderíamos ter qualquer vida, única e exclusivamente, por meio da vontade e do esforço individual. Isso não significa, porém, que não temos grande participação na forma como nossa biografia será escrita ou que estamos isentos em relação às escolhas morais.

O “xis” da questão é que os elementos cruciais do roteiro foram traçados sem que pudéssemos opinar. Não escolhemos o país, a família, a classe social e a época que nascemos. Estar vivo é um assombro! Você já imaginou como seria a sua vida se tivesse nascido na Europa durante a Idade Média ou se fosse adotado ainda bebê por uma família chinesa? Evidentemente que o seu “eu” assim como todas as experiências que, até aqui, fizeram a pessoa que é não existiriam.

É com base nisso que Zygmunt Bauman afirma que “para sermos capazes de agir livremente, precisamos ter mais do que livre-arbítrio.” Possuir a capacidade de fazer escolhas não garante que alcancemos os objetivos que almejamos. Uma pessoa que esteja desempregada mesmo que possua boa qualificação poderá enviar currículos para as mais variadas empresas e não conseguir nada. As taxas desemprego e os níveis de desenvolvimento econômico

seguem uma lógica de funcionamento que pouco dizem respeito às volições individuais. São realidades que estão além do indivíduo, mas que interferem diretamente sobre a vida dele.

O livre-arbítrio deve ser pensado sempre dentro de um contexto maior que costume chamar de condições de possibilidade.

É fácil deduzir que as condições de possibilidade de um garoto pobre que sonha em ser médico, mas vive numa favela, trabalha diariamente catando lixo, estuda numa escola ruim, tem pais analfabetos e se alimenta mal, são muito mais reduzidas do que a de um jovem de classe média alta que estuda em bons colégios, tem tempo livre, come bem, tem horas de lazer e uma família com bom capital cultural.

Além desses obstáculos é provável que o garoto pobre seja desestimulado pelos pais e pessoas mais próximas – por entenderem que aquele tipo de profissão não é para “gente como eles”. As coisas tendem a piorar se levarmos em considerações outros fatores como o racismo e o estigma. Jovens negros terão menos chances em países racistas; discriminados suas capacidades acabarão subjugadas. Eles podem ser proibidos de frequentar escolas, exercer as mesmas profissões, usar os mesmos banheiros e frequentar os mesmos bares e restauran-

tes que as pessoas brancas, como o que acontecia nos EUA durante o regime de segregação social com as cruéis leis de Jim Crow. Uma mulher negra, por sua vez, terá que enfrentar esses tais percalços e ainda os problemas relacionados ao machismo e ao sistema patriarcal.

Cabe lembrar que a liberdade também será diretamente afetada pelo regime político adotado pelo país que vivemos. Estados democráticos tendem a proteger os direitos individuais, respeitar as minorias, impedir a censura, garantir o direito a crença e um sistema de imprensa livre e independente. Enquanto os regimes autoritários reduzem drasticamente essas liberdades, quase sempre interferindo na vida privada dos cidadãos – atacam professores, intelectuais, artistas, minorias e a imprensa.

Como vemos, não apenas os fatores econômicos são importantes, mas também os simbólicos. É possível ir além dos limites sociais e considerar alguns fatores ainda mais amplos como a constituição física, a saúde, a geografia do lugar em que vivemos e aquilo que convenciamos chamar de sorte. Pessoas que sofrem de deficiência mental ou física estarão numa clara desvantagem em relação às “normais”. Um grave acidente pode mudar radicalmente a vida de alguém, catástrofes naturais como terremotos e tempestades, entre outras coisas.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A morte posterior

De cara, recomendo *Um Encontro com a Lady*, de Mateo Garcia Elizondo, neto de Gabriel García Márquez, com selo da Record Editora. Bom, na verdade, eu não quis ter dito alguma coisa, acerca do não dizer, mas dizer mesmo, mesmo quando não havia nada, nem prego nem parafuso, já havia tudo. Nossos ídolos estão morrendo, nós também. Já vivi muito.

Não há nada mais metafísico do que o calar-se para sempre, ou ficar olhando o tempo, enquanto vociferam “malucos beleza”, malucos otários, que não passam daquela primavera.

Se alguém tiver que prender a palavra, não faça com a poesia, ela se sustenta. Li de duas tacadas, *Um Encontro com a Lady*, de Mateo Garcia, um livro pequeno, imenso livro publicado pela Editora Record e fiquei seguindo os passos da personagem, que se ausenta da cidade grande – suponho, para um vilarejo ali, onde espera a morte chegar.

O livro de Mateo Garcia tem a necessidade de criar esse caminho, quando na real, todo mundo morre de medo de morrer. Não deve ser fácil quando a pessoa está condenada, na espera.

O assacado narrador, cujo nome morre antes, que vai para a cidade Zapotal, marca um encontro com a morte, mas por diversas viagens, mas se esconde no ópio, porque seu encontro com a Lady pode ser a porta de serventia, o seu peso morto. “Vim a Zapotal para morrer de uma vez por todas. Assim que coloquei os pés no povoado, livre-me do que trazia nos bolsos, das chaves da casa que deixei abandonada na cidade, de todos os cartões, de tudo o que tinha meu nome ou a fotografia do meu rosto. Não me sobram mais de três mil pesos”.

Ti-ti-ti do vinho

Bom, vamos degustar? Numa festa imodesta, festa de degustação de vinhos, (já disse que não gosto de vinhos), só uma taça ou do Porto, e lá no ambiente propício de um lounge, fiquei olhando as pessoas com taças nas mãos, alguns líquidos pretos, cor de rosa, suavemente, achei que eu poderia estar noutro lugar, na *Montanha Mágica*, de Thomas Mann.

Numa festa, a gente termina sendo apresentado a outras pessoas e ainda bem que já não se troca mais cartões de visita – geralmente nesses eventos estão os mortos-vivos e... Viva os mortos! Amém.

Uma coisa tinha ali, mulheres bonitas e o poder *sex appeal* no toque do vinho, cujas gotículas que caem dos lábios, lábios que eu beije. Talvez por isso eu tenha demorado um pouco mais.

Voltemos a Lady: queria voltar para casa, terminar a leitura de *Um Encontro com a Lady*, mas outras ladys macias me fizeram ficar. Essa coisa que não mete medo, que arrasta a boca, os olhos, a alma, até que não reste senão o não como resposta, ou como o recurso de quem tem no olhar, a única arma.

Talvez essa tenha sido uma possibilidade nunca escancarada de forma frontal, o que o escritor mexicano chama de Lady, que parece estar em todo lugar e em lugar nenhum. A voz da personagem de Mateo Garcia, parecia estar ali na festa do vinho, fosse o único lugar onde ele iria, antes de morrer, que não o mataria facilmente.

A canção, a condição última de Belchior, que vinha do vinil das pickups do DJ Astek, era a uma única referência a poesia. O vinho dava na “canela” de graça, mas nem vinho tomei. Nada é de graça, nem a morte.

Kapetadas

1 - Envelhecendo como vinho. Cada ano mais caro;

2 - Os produtos instantâneos são a ejaculação precoce da alimentação, no mais segue o acordo do Edmond Safra.



Capa de 'Um Encontro com a Lady', de Mateo Garcia Elizondo, que é neto do colombiano Gabriel García Márquez, Nobel de Literatura

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

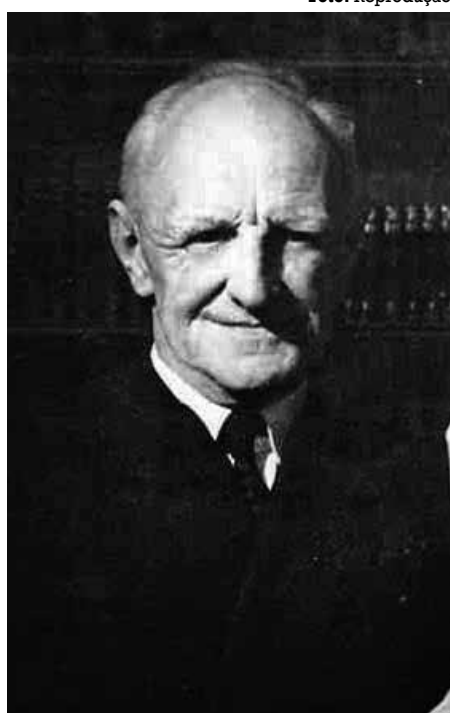
klebmaux@gmail.com | colaborador

Solidão na contemporaneidade

As redes sociais, geralmente, tornaram-se expositores para observar a vida do outro e ser observado. Por causa disso, existe a necessidade de alguns se tornarem visíveis, apesar de permanecerem sozinhos e com a dificuldade de cuidarem-se de si mesmos. O mau uso das mídias tecnológicas pode gerar uma dependência obsessiva compulsiva, que tem como consequências: aumento da ansiedade e depressão; problemas de sono; falta de concentração; deficiências de aprendizagem; incentivo ao consumo exagerado; aumento da necessidade da aprovação e acolhimento; insatisfação com a própria vida; perda do senso crítico e criativo entre outros. Esses danos também causam o sentimento de culpa por não atender uma respeitosa interação, que pode elaborar o sentimento dar dor de solidão.

As velozes transformações socio-culturais, políticas, morais, científicas e econômicas na sociedade atual estão destruindo a saúde mental de muitos indivíduos, por não terem mais o tempo de cultivar os afetos diante das próprias errâncias e nem de cuidar um dos outros. A habilidade do que fazer com a solidão foi estudada pelo pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (1896-1971). Seu ensaio *A capacidade para estar só* analisa desde a experiência que o bebê tem de ficar, inicialmente, só na presença da mãe. Ele apresentou esse estudo à Sociedade Britânica de Psicanálise, em 24 de julho de 1957. Outra pesquisa, influenciada pelo inglês, disserta sobre o sentimento de solidão, e foi apresentada no Congresso de Copenhague, em 27 de julho de 1959, pela psicanalista austríaca Melanie Klein (1882-1960). As contribuições acadêmicas da austríaca têm um funcionamento dinâmico entre as posições esquizoparanoide e depressiva, que se inicia com o nascimento e termina com a morte. Todos os problemas emocionais, como neuroses, esquizofrenias e depressão são analisados a partir dessas duas posições. Por isso, em uma análise kleiniana, não basta trabalhar os conteúdos reprimidos, é preciso equacionar as ansiedades depressivas e as manias de perseguição. Além disso, é necessário que o paciente perceba que é possível amar e odiar o mesmo objeto, sem medo de destruí-lo.

Melanie Klein inicia seu artigo afirmando que o sentimento de solidão independe das circunstâncias



Psicanalista Donald Winnicott (1896-1971)

externas e surge como uma semente silenciosa que cria raízes que não pode ser arrancada e tende a dominar o indivíduo por completo, gerando ansiedades e angústias patológicas; ou ser cultivada, ao ponto de possibilitar situações saudáveis, ativando o estado criativo. No seu livro *Sobre o sentimento de solidão – Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963), ela afirma que: “Estou me referindo ao sentimento de solidão interior – o sentimento de estar sozinho independentemente das circunstâncias externas; de se sentir só mesmo quando entre amigos ou recebendo amor” (1996, p. 341).

Nesta contemporaneidade, o mercado de consumo e as redes sociais determinam a vida social da maioria dos indivíduos. Também existe o doentio desejo compulsivo de ostentar. Os valores excluídos da vida privada sobrepõem-se aos que organizam o espaço público. Outro conflito surge quando ser bom pai ou ser boa mãe dão somente bens materiais aos filhos, porque tornou-se um falso direito de consumo. Por causa disso, abandonou-se a prioridade de ensiná-los a manter a voracidade a fim de obter as conquistas pelos próprios méritos, de forma digna. Isso é observado no Facebook e, principalmente, no Instagram, onde os indivíduos mantêm um status de falsa realização, que se tornam sintomas de solidão e depressão num vazio que danifica a vida psíquica.

Além disso, observa-se a busca de uma identificação construída por imagem que precisa do olhar do outro para existir e como consequência haverá sempre a necessidade desse outro para ser acolhido na insuportável dor da solidão. Por isso, surge uma doentia personalidade construída a partir da ilusão do outro, que pode apresentar uma reação agressiva no mundo virtual, que tende a se transferir – de forma simbólica – para o mundo real. Os feitos destrutivos do olhar do outro, assim como a perda da voracidade dos desejos, direciona a fragmentação da identidade e as incertezas à fuga para o vazio. A consequência é a voz da solidão afirmar: “Toda a vez que estou sem alguém, tento me preencher de algo”. Melanie Klein (1996, p. 354) diz: “Embora a solidão possa ser minorada ou aumentada por influências externas, nunca poderá ser completamente eliminada”. Portanto, é inevitável sentir o sentimento de solidão durante muitos momentos da vida. O que impede do indivíduo de adoecer é a habilidade de lidar com esse sentimento, utilizando-o para a nossa própria evolução pessoal, que lhe dá liberdade. Um olhar que desperta o que há de mais criativo no “eu”. Não se trata de descaço com o próximo ou do isolamento proposital como defesa maníaca, mas a procura de uma identidade constituída, pois, aprende-se a cuidar de si mesmo; também, a cuidar dos outros. Klein (1996, p. 352) diz: “A negação da solidão, que com frequência é usada como uma defesa, provavelmente atrapalhará boas relações de objeto, em contraste com uma atitude na qual a solidão é realmente vivenciada”. Por exemplo: as artes; viajar; escrever; compor; ler algo interessante ou até mesmo ficar no quarto ouvindo músicas por horas, são alguns exemplos em que contribuem ao indivíduo encontrar consigo mesmo e aproveitar os benefícios de estar sozinho.

Sinta-se convidado à audição do 429º Domingo Sinfônico, deste dia 30, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintonize FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as contribuições dos temas de voracidade do compositor de tango argentino Astor Pantaleon Piazzolla (1921-1992).